

# Monte Pascoal está sendo devastado

Texto: Carlos Ribeiro

**O Parque Nacional de Monte Pascoal, uma das últimas reservas da Mata Atlântica do Brasil, localizado no município de Porto Seguro, no extremo sul da Bahia, está ameaçado. Exemplares raros e valiosos de braúnas, sucupiras, louros e jacarandás, entre outras madeiras nobres, sucumbem pela ação das queimadas e das moto-serras. Os índios Pataxós são acusados de ser os principais devastadores da floresta, mas têm a sua versão, como primeiros habitantes do local, como mostra a narrativa, a seguir, do jornalista Carlos Ribeiro, com fotos de Xando Pereira.**

Na Kombi que nos levava de Itamaraju para o Parque, comentei sobre a beleza da floresta que cercava o Monte Pascoal, divisada no horizonte. O entusiasmo foi contido pelas palavras dos funcionários do IBDF: "Você vai ver o bonito quando chegar lá dentro e presenciar os arrastos das árvores feitos pelos índios. Do jeito que vai, este Parque acaba logo, logo", disse Derival dos Santos.

O maior problema do Parque são os índios Pataxós, que fazem um arrasto, tirando madeira e roubando sem que se possa fazer nada para impedir", confirmou Pericles Marinho, ex-agente florestal do IBDF. "O que se pode fazer quando o IBDF conta apenas com duas pessoas para fiscalizar uma área de 14.500 hectares? Os guardas aqui correm perigo de vida: já foram ameaçados de morte e não têm recursos para se valer. A Polícia Federal já esteve aqui três vezes, mas de que adianta? Basta eles darem as costas e tudo recomeça novamente".

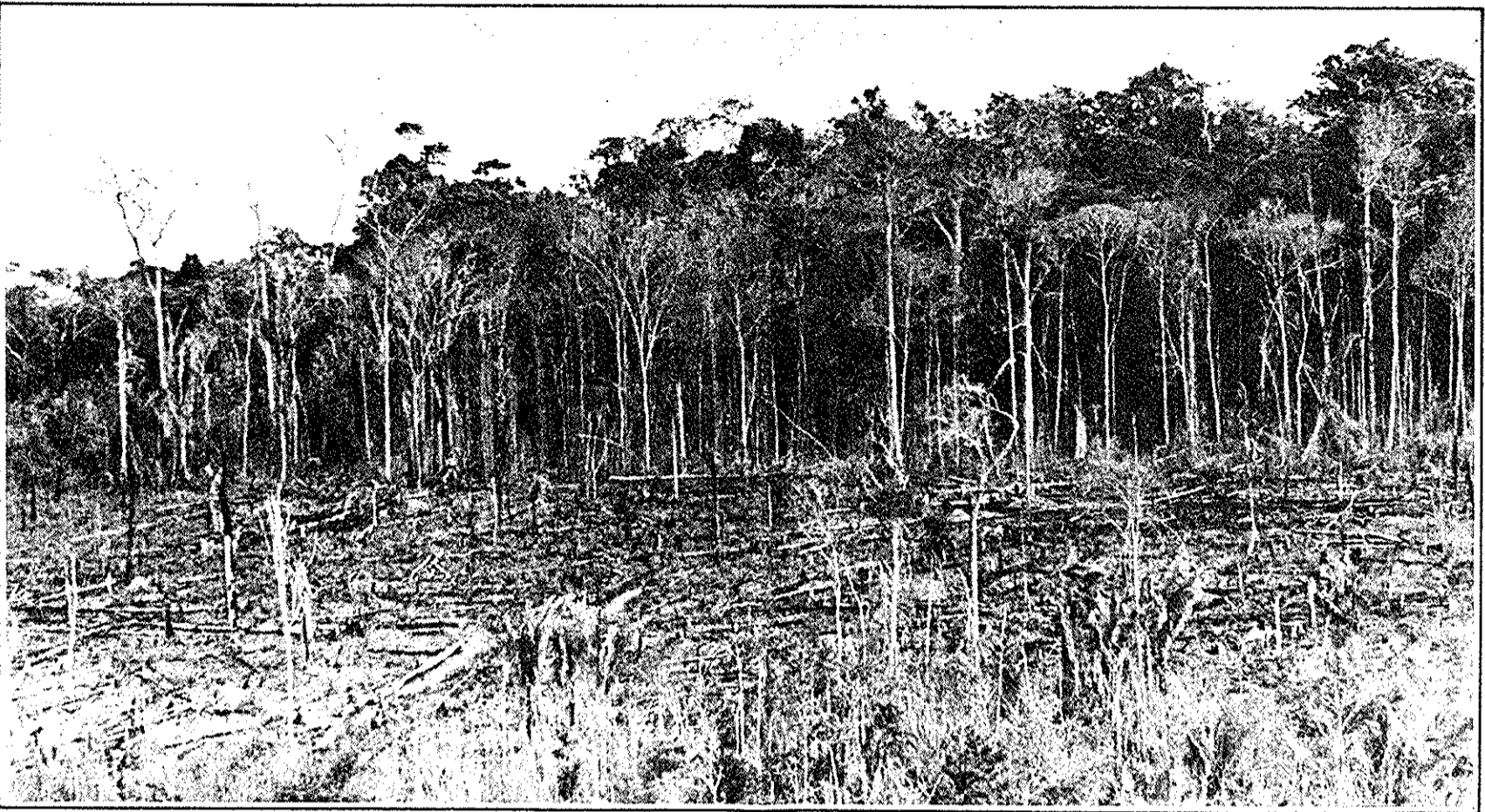
Segundo Milton Vieira Barros, 46 anos, chefe do Núcleo de Vigilância do Parque, o número de agentes florestais necessários para protegê-lo é, no mínimo, 12, mas muitos não querem ficar, por medo, porque ganham mal ou porque não gostam de trabalhar no mato. "Com apenas oito funcionários e apenas dois guardas, dá para se ter uma ideia de como o Parque fica desprotegido".

### SAQUES

A tensão verificada atualmente entre os funcionários do Parque não é consequência apenas das ameaças de morte ou dos sinais de devastação encontrados na floresta. O próprio alojamento do IBDF fora arrombado e saqueado poucos meses antes. O mesmo quadro se repetirá no outro alojamento localizado a leste do Parque, próximo ao oceano, para onde fomos dias depois. Encontramos a casa praticamente arrasada: vidros quebrados, portas e janelas arrombadas, pedras dentro do vaso sanitário. Levaram quase todos os utensílios que havia no local: colchões, um pequeno fogão, pratos, talheres, roupas de cama etc. Segundo Milton, essa área do Parque, localizada entre a aldeia Barra Velha, dos índios Pataxós, e um povoado de pescadores, e ainda mais abandonada por se encontrar numa região praticamente isolada, onde a cidade mais próxima, Monte Pascoal, fica a 54 Km de distância. Por outro lado, não consta haver nenhum conflito entre o IBDF e os índios de Barra Velha, que convivem em harmonia com a floresta, restinga e mangues do Parque Nacional — o que não ocorre, segundo eles próprios, com os índios da Boca da Mata, a oeste. "Nos, que somos filhos daqui, vivemos bem, mas tem muita gente que é de fora, que vive na Boca da Mata ou nessas áreas aí, que tira madeira do Parque, faz coisas errada e nos leva a culpa", diz Angela Brás (Saracura), 26 anos.

### DEVASTAÇÃO

Na manhã do dia 26 de agosto, entramos na floresta com destino a uma das

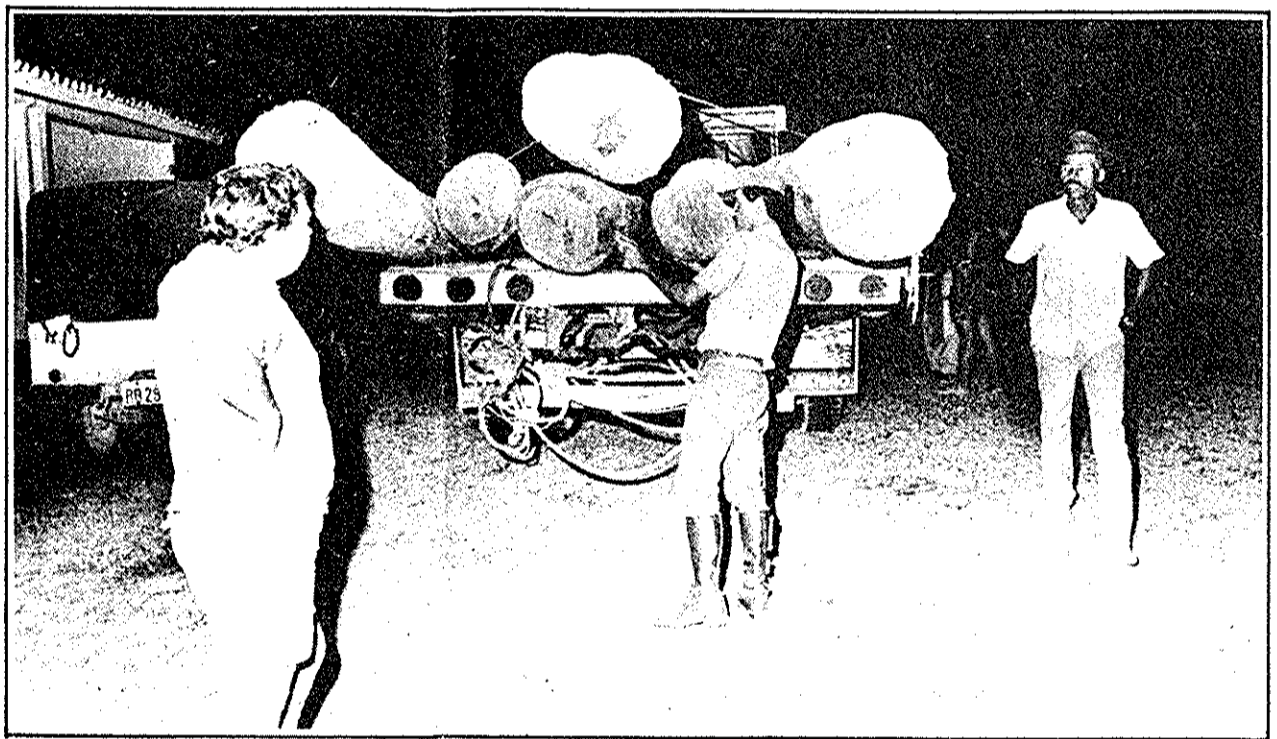


As queimadas estão devastando a área dos índios Pataxós, formando um triste contraste com a floresta do Parque, vista em 2º plano

áreas devastadas. Era cedo, dava para se apreciar os ruídos característicos da mata, quando se ouviu gritos. Milton ficou apreensivo, disse que eram caçadores e alertou para um confronto, afirmando que eles sempre estão dispostos a tudo quando entram na área do Parque. Seguimos em direção aos gritos, mas não encontramos nada mais, além de um sem-número de borboletas pretas e amarelas esvoaçando para todos os lados. Após duas horas de caminhada, ouvindo o alarido distante dos macacos barbados ("Alouatta fusca", o som metálico das arapongas e o assobio forte do tropeiro, frinrí ("Lipaugus vociferans"), referido pelo ornitólogo Helmut Sick como a "Voz da Amazônia", chegamos a um arrasto — uma trilha aberta no meio da mata, por onde jacarandás foram puxados por juntas de bois para fora do Parque. Segundo Milton, o "arrasto" já até a aldeia Boca da Mata. "A devastação aqui não é total, mas por espécies de árvores. Eles começaram tirando baraúnas, partiram pro jacarandá, estão entrando pela sucupira, pelo louro e assim sucessivamente, até acabar com as espécies nativas da região".

Os funcionários do Parque foram unânimes em apontar os índios Pataxós, mais precisamente da aldeia Boca da Mata, como responsáveis pelos estragos provocados. Milton destacou, no entanto, os donos das empresas madeireiras como os principais responsáveis. "Sem comprador não existe o tirador da madeira", diz ele. "Os índios são incentivados pelos brancos e nós temos de ver de onde está vindo o comprador da madeira, que é o verdadeiro culpado. Eliminando ele, o índio não acha a quem vender e pronto: ele vai procurar trabalhar na sua terra, desenvolver a sua agricultura e nós vamos continuar com a preservação da fauna e da flora do Parque Nacional. Do jeito que está, se não houver uma providência, nem o Monte vai sobrar. Vão acabar com tudo!".

Milton aponta a falta de uma ação mais efetiva da Polícia Federal no sentido de punir rigorosamente os proprietários das grandes empresas madeireiras. "Há pouco tempo fizemos a apreensão de um caminhão carregado de jacarandás. Tínhamos a esperança de que fossem tomadas as devidas providências, mas nada aconteceu. No dia seguinte, apareceu a dona do caminhão, pagou a multa e a coisa ficou por aí. Não sei por que a Polícia Federal não agiu com mais rigor".



Carga ilegal de madeira apreendida pelo chefe do Núcleo de Vigilância do Parque, Milton Barros

### CAMINHO PARA A ALDEIA

Na segunda-feira, 29 de agosto, seguimos para a aldeia Boca da Mata, na reserva Pataxó que faz divisa com o Parque. O Jipe estacionou no alto de uma colina, da qual podíamos ver, lá embaixo, no vale, algumas dezenas de casas de taipa pontilhando numa área devastada por queimadas, pelo desmatamento, com a floresta do Parque no fundo. Milton alertou sobre os riscos de irmos lá: "Eles estão bem armados, tem até escopetas, armas de guerra: escopetas calibre 32, 28 e 12, de cano grosso, pesadas. Eles matam pessoas e continuam aí, livres. Não ficam presos porque são considerados inocentes", disse, ressaltando, no entanto, que a responsabilidade maior cabia aos brancos, muitas vezes criminosos que se misturam com eles. "Índio mesmo aqui tem poucos, mas tem muita gente que vem de fora e se amassa com caboclo. Tem índio preto, louro,

criminosos de tudo quanto é cor que corre pra lá e diz que é índio, porque a Polícia não faz nada nem a Funai toma providências".

Ficou lá no alto com binóculos e rádio para contato, caso fosse necessário. Descemos a encosta, passamos por uma placa da Funai, torta, suja e danificada, na qual dizia ser proibida a entrada de pessoas estranhas sem permissão, e encontramos o Rio Cemitério sobre o qual só havia vestígios do que um dia fora uma ponte. Após um momento de hesitação, resolvemos seguir em frente. Tiramos as botas e atravessamos o rio, pisando em ovos com pulgas pulando atrás da orelha.

### A VERSÃO DOS ÍNDIOS

O cacique Manoel da Conceição e o cacique Firmo Ferreira, líderes da comunidade, estavam sentados num terreiro de barro batido, em frente a uma casa de tai-

pa, em companhia de outros índios, incluindo mulheres e crianças. Em redor, pobreza e devastação, mas nenhum sinal de armas, hostilidade ou violência. Receberam-nos cordialmente e logo começamos a conversar.

"Nossa história é longa", disse o capitão Firmo Ferreira. "Aqui não existia esse negócio de parque. Era terra de índio que vivia da caça e da pesca. Essa terra é do índio. Eu digo isso pra qualquer um, pro ministro, pra Serney, eu morro dizendo isso. Isto aqui pode ser parque, mas parque indígena e não Parque Nacional".

"Quando eles começaram a mexer nessa terra, os índios perguntaram o que eles estavam fazendo e disseram que estavam fazendo coisas pros índios. Botaram os índios pra trabalhar e depois proibiram nós de andar nela", disse o cacique Manoel

da Conceição. "Primeiro quem lutou com o parque foi eu, junto com um tio meu. Porque fizeram o parque em riba da nossa área. A aldeia era lá na praia, em Barra Velha, mas a região era toda índia. Quando me entendi como gente, aqui só existia os brancos e Itamaraju se chamava Escorrido".

"Ninguém se conforma com isso", disse Firmo. "A gente vive aqui preso, nem estrada a gente tem. É pior do que estar dentro de uma cadeia. O negócio tá feio e ainda fica esse pessoal atrapalhando a vida da gente. Ninguém faz nada por nós, nem Funai nem IBDF. A gente não tem estrada, não tem escola, não tem farmácia e só não morre de fome porque não somos ladrão nem preguiçoso. Não tem ninguém que prove que somos ladrão".

E quanto às armas?, perguntei "cheio de dedos". "Ouvimos falar que vocês têm armas pesadas aqui, escopetas, rifles...".

Armas aqui só se foi eles que deu disparou Firmo indignado. "A gente não tem quase que nem espingarda pra atirar, imagina! Isso aqui é um lugar sossegado, não tem dessas coisas. Isso tudo eles botam pra cima da gente pra fazer sujeira. Eles diz isso porque somos mansos. Se a gente tivesse armas e fosse do jeito que eles diz que somos, já tinha botado eles pra correr porque, antes de tudo, nós já era donos dessa terra".

Quanto aos arrombamentos verificados no alojamento do parque, Firmo foi enfático: "Um dia eu fui chamado pelo delegado federal que disse que a gente tinha arrombado a casa do IBDF, mas é mentira dessa cambada. Vai ver que foi eles que quebraram pra botar a culpa em nós. Agora eu digo: o problema aqui é que não tem mais terra e um dia a gente vai ter que invadir a terra dos outros. Eles têm que dar um jeito: se a gente não pode entrar no parque, então que dêem arado para arar a terra da gente".

### SOLUÇÕES

Atravessamos o Rio Cemitério, na volta, já de noite, com cuidado pra não pisar nas jararacuçu, abundantes na região. Milton reclamava no rádio, queixando-se da demora e dos mosquitos e eu pensava que retornávamos com menos certezas. A ideia de que melhor seria publicar versões do que falsas afirmações era um consolo. Como evitar a destruição desse extraordinário e fascinante resquício do que foi um dia a Mata Atlântica, na qual, em meio a árvores centenárias, de até 50 metros de altura, convivem dezenas de espécies de aves, insetos e mamíferos ameaçados de extinção, verdadeiras preciosidades?

O certo é que nada poderá ser feito se não houver uma ação enérgica contra os compradores e transportadores de madeiras. No mais, diz Milton, "é preciso que se dê condições ao próprio índio de tornar a sua terra produtiva, dar ferramentas, máquinas, tratores e sementes para que eles possam ter condições de viver do que a natureza lhes fornece. Agora cabe ao IBDF abrir estradas para fiscalização das divisas e aumentar o número de funcionários que possam permanecer dia e noite no parque".

### PROJETO ESPERANÇA

Carlos Ribeiro é do "Projeto Esperança", um trabalho jornalístico voltado para a natureza, história e cultura popular, que está sendo desenvolvido por ele e Xando Pereira. Atualmente, o projeto faz a documentação e divulgação jornalística dos parques nacionais da Bahia para o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), tendo em vista outros trabalhos a serem realizados no Parque Nacional das Emas, em Goiás, Fernando de Noronha, sítios históricos e cavernas do estado da Bahia.



Capitão Firmo Ferreira mostra o que restou da terra dos índios Pataxós, na aldeia Boca da Mata



Tronco de jacarandá derrubado e abandonado no meio da floresta, uma consequência da devastação